



J. Rosa Nunes  
Prof. Doutor

# Chamem o Governo!!

*“Segundo foi divulgado oficialmente pela Vinci/Ana, para os aeroportos por elas gerido – correspondente a Ponta Delgada, Sta. Maria, Horta e Flores - durante o primeiro semestre deste ano perderem cerca de 140 mil turistas, ou seja 37% dos previstos a transportar pela Ryanair, uma média de 24 mil/mês. A perda de turistas no semestre, sem contar com os aeroportos da Terceira e Pico, representa cerca de 9.3% e 8% no tráfego de aeronaves comerciais de/para os Açores.”*

A secretária regional dos transportes, Berta Cabral, aproveitando a (re)inauguração de uma unidade hoteleira, teve a enorme ousadia de apelar para que mantenhamos o “otimismo” sendo que tal, segundo ela, é fundamentalmente para que tenhamos “vontade e ambição coletivas”, condições que “serão essenciais para ultrapassar as dificuldades”. Acrescentando eu que a grande maioria das dificuldades são resultantes das más decisões políticas que os membros do elenco governativo assumiram no exercício das suas funções de governantes.

Parece-me justo salientar a minha convicção, reforçada pela atitude da secretária, de que pouco ou nada haverá a fazer politicamente em termos de futuro, no sentido de resolver os numerosos problemas regionais, daí o apelo ao nosso apoio. Estamos na situação de “casa roubada trancas à porta”, só que neste caso estará “afundando”.

O que me causa uma enorme perplexidade é o facto dos governantes regionais na generalidade, seguindo o exemplo de Berta Cabral, descaradamente como que se não fossem culpados destas calamitosas situações, fazerem depender de nós - míseros mortais, sem poder de atuar, para além das alturas de votar – a solução de todos os graves problemas criados nos últimos anos. Por eles!!!

Tal é necessariamente a prova (provada) de estarem completamente perdidos numa governação sem qualquer consistência e objetivos devidamente definidos, demonstrativo da enormíssima falta de qualidade e conhecimento como decisores políticos, de quem infelizmente o nosso futuro depende em muito.

Pergunto-me como é que Berta Cabral pretende resolver os problemas associados ao turismo, independentemente de eles se resolverem com os NOSSOS impostos ou otimismo, vontade e ambição, como pediu. Será que vai criar, para rentabilizar o setor, à semelhança do cheque dentista, um “cheque hotel” para os residentes ocuparem graciosamente as unidades hoteleiras e/ou algum “cheque refeição” para usarmos os serviços da cada vez mais dispendiosa restauração?

No fim, seremos nós todos, através dos impostos a pagar a fatura, ficando os nossos bolsos cada vez mais vazios. Temos no arquipélago exemplos concretos de crises económicas e financeiras e até familiares - ligados à produção de laranja, tinturaria, criação de gado vácuo e porco - sendo fundamental que o governo reconsidere a sua atuação perante o setor do turismo de modo a não ocorrer uma crise na hotelaria, restauração, rent-a-car e demais comércio dependente do setor.

Compete ao governo regional, só a ele, conseguir ultrapassar esta fase conturbada reconhecida por entidades particulares e públicas e pela população em geral.

O disfarce da péssima situação em que nos encontramos, vai sendo colocado no investimento privado associado ao PRR, parecendo-me que o governo regional está apenas a “empurrar o problema com a barriga”, nada garantindo que consigamos em futuro minimizar a gravidade da situação, porque tal depende grandemente de fatores externos ao todo nacional e regional, sobre os quais não temos, de modo algum, possibilidade de interferir.

A grande maioria dos investimentos no setor da hotelaria fazem-se, com percentagens significativas de apoios financeiros regionais e/ou comunitários (rondarão em média os 60%?), o que potencia artificialmente a sua rentabilidade, mesmo recebendo tardiamente esses apoios financeiros e que o movimento de turistas tenha escasseado nos últimos meses.

Curiosamente alguns responsáveis pelas agências de promoção turística afirmam não haver problemas pois as receitas do setor

“aparentemente” parecem aumentar. Tal efetivamente só pode ter uma leitura: significa que, perante a diminuição no número de turistas, para aumentarem as receitas no setor os preços dos quartos por noite têm de ser mais elevados e o mesmo ocorrendo com a restauração. Por seu turno as associações ligadas ao alojamento local e turismo rural, queixam-se de perdas acentuadas no número de ocupação, relembrando constantemente os seus enormes problemas.

Impávido e sereno, como compete a um incompetente elenco governativo, nada é publicamente referido mesmo considerando que o turismo em alojamento local e rural representa significativamente o modo como muitas famílias conseguem ter algum desafio nas responsabilidades que têm de suportar mensalmente.

Esquecem cobardemente ou melhor fingem esquecer, os responsáveis governamentais, que parte das receitas de impostos têm origem neste tipo de turismo, podendo o encerramento de algumas empresas ter reflexo noutras atividades empresariais, como por exemplo, nos prestadores de serviços de limpeza, potenciando o aumento do número de desempregados.

Concomitantemente com esta situação, a nível hoteleiro, Berta Cabral resolveu o enorme problema da perda de turistas causado pelo abandono das rotas de/para S. Miguel pela companhia low-cost Ryanair - perspetivando-se para o corrente ano cerca de 400 mil turistas - “descobrimo” algumas companhias aéreas que se prontificaram a voar para os Açores.

Segundo foi divulgado oficialmente pela Vinci/Ana, para os aeroportos por elas gerido – correspondente a Ponta Delgada, Sta. Maria, Horta e Flores - durante o primeiro semestre deste ano perderem cerca de 140 mil turistas, ou seja 37% dos previstos a transportar pela Ryanair, uma média de 24 mil/mês. A perda de turistas no semestre, sem contar com os aeroportos da Terceira e Pico, representa cerca de 9.3% e 8% no tráfego de aeronaves comerciais de/para os Açores.

Do governo regional nem uma “palavra”, como convém a que nem sabe o que dizer e muito menos o que fazer para inverter a situação, que é negativíssima para a economia açoriana e consequentemente para quem vive nos Açores.

Pessoalmente prefiro assim, do que estar a ser bombardeado com meros comentários, que roçam o anedótico ou em certos casos a insanidade precoce. Provem-me que estou enganado! Mais uma vez ficaria agridado e feliz, tenham a certeza.

Não colocando em causa o reduzido número de voos semanais das “novas” companhias, parece-me ter sido “demasiado” fácil encontrar a solução e seria interessante saber se houve ou haverá futuramente contrapartidas, “benesses” de que o governo regional é prodigo a conceder, com o NOSSO dinheiro, para pagar decisões tão espontâneas. Como se usa dizer “não há almoços grátis”, pelo que o custo aparecerá mais cedo ou mais tarde!

Mais uma vez o governo regional lança fogachos, através de pequenas notícias na comunicação social, nada esclarecendo perante os contribuintes que, por direito de quem paga, devem questionar as decisões políticas do governo regional, ficando novamente a aguardar que algum partido da oposição (começo a duvidar se ainda existe algum...) vai questionar o governo na assembleia regional, mesmo sem resultados concretos.